



» Entrevista | KARIN WALLENSTEEN | EMBAIXADORA DA SUÉCIA

Diplomata avalia ascensão da ultradireita no país escandinavo, ressalta democracia e elogia solidez das relações bilaterais

Da aliança com o Brasil ao esforço pela paz

» RODRIGO CRAVEIRO

Desde outubro, o destino de 10,4 milhões de suecos está nas mãos do premiê conservador Ulf Kristersson, que formou um governo de coalizão com o apoio dos ultradireitistas do partido Democratas da Suécia (SD). Para Karin Wallenstein, embaixadora sueca no Brasil, as transformações pelas quais o seu país passou nos últimos 20 anos moldaram a chegada de um partido nacionalista conservador ao poder. Em entrevista ao *Correio*, a diplomata sublinhou que o partido Democratas da Suécia trabalha dentro do sistema democrático e mantém representantes no governo. A nova conjuntura política da nação escandinava coincidiu com a não integração de imigrantes e com o aumento da criminalidade. “Os suecos esperam que os partidos conservadores nacionalistas tenham soluções melhores para isso”, admitiu Karin, que atuou como chefe de Assuntos para a União Europeia e Internacionais e secretária de Estado durante o governo do primeiro-ministro Stefan Löfven (2014-2021). A embaixadora falou sobre o avanço da extrema-direita na Europa, a proteção às minorias, a guerra na Ucrânia e os refugiados. Ao abordar a forte relação bilateral entre Suécia e Brasil, ela destacou que a cooperação se institucionalizou e independe de governos.

O seu país acaba de eleger o primeiro governo com apoio da extrema direita. Por que os ultraconservadores ganharam tanta força na Suécia?

Eles ganharam muita força porque a Suécia tem sido uma nação que mudou muito ao longo de duas décadas. Temos uma grande parcela de imigrantes. Há muitas coisas positivas para se dizer sobre os imigrantes, mas várias pessoas migraram para a Suécia e não se integraram ao país. Nos últimos cinco ou seis anos, tivemos uma tendência ruim no que se refere à criminalidade, à violência de gangues e ao crime organizado, em parte nos subúrbios. Isso tem irritado a população. Os suecos esperam

que os partidos conservadores nacionalistas tenham soluções melhores para isso.

De que forma o novo governo precisa enfrentar o tema da imigração?

O governo enfrenta essas temas colocando exigências muito fortes sobre as pessoas. As autoridades pedem às pessoas que integrem os imigrantes. Também fazem leis mais rígidas em relação à solicitação de asilo ou à concessão de cidadania, por exemplo. As autoridades colocam muito mais ênfase para que esses imigrantes sejam educados na Suécia e tenham condições de conseguir um emprego. Haverá mais demandas quando o indivíduo for capaz de se sustentar financeiramente. É uma mistura de mais rigor nas fronteiras, para permitir que menos pessoas entrem, e da certeza de que haja integração dentro do território sueco entre as pessoas que estão lá.

Como analisa o avanço da extrema direita na Europa?

Na Suécia, ao invés do termo “extrema-direita”, eu usaria a expressão “partidos conservadores nacionalistas”. O partido Democratas da Suécia trabalha dentro do sistema democrático e conta com representantes dentro dos escritórios do governo. Também está completamente alinhado aos princípios democráticos da Suécia. Não temos visto uma tomada autoritária de poder na Suécia.

Qual é a receita para se proteger as minorias em um governo ultraconservador?

Está bem claro que o atual governo continuará, assim como o anterior, a ter uma forte agenda, quando se fala em minorias e em direitos de grupos LGBTQIA+, incluindo aqueles que buscam asilo. Outro grupo é o dos convertidos. Se você se converte de uma religião para outra, pode ser processado em seu país de origem. O novo governo pretende defender esse grupo. Somos uma sociedade comprometida com a implementação dos direitos das minorias. Também temos populações

Ed Alves/CB



indígenas. Em relação aos direitos humanos em geral, nenhum país é perfeito. Também há queixas recorrentes sobre isso na Suécia. Mas estou muito confiante de que o novo governo olhará pelas perspectivas das minorias e das maiorias.

A ONU apelou à Suécia para que trabalhe em prol dos solicitantes de asilo. Como a senhora vê isso?

Tradicionalmente, temos uma cooperação muito sólida com o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur). Inclusive recebemos casos muito difíceis. Pessoas que necessitam de muito cuidado ou de outros tipos de tratamento. Ao longo do último ano, temos que nos lembrar que houve uma guerra perto de nós. Se você for de avião, é mais próximo ir para Kiev do que para Bruxelas. Por causa da guerra e da piora da situação em Belarus, é preciso contornar o território bielorrusso. Mas o conflito na Ucrânia está muito perto de nós e várias pessoas fugiram para a Suécia. Precisamos levar

isso em consideração. Há pouco mais de um ano, tivemos uma grande retirada de cidadãos do Afeganistão. Não apenas removemos todos os afegãos que trabalhavam para a Embaixada da Suécia, mas seus familiares e outras pessoas que tinham algum tipo de cooperação com o nosso país, como defensores dos direitos das mulheres, jornalistas, advogados. Sabíamos que poderiam ser prejudicados pelo Talibã. Temos forte tradição em buscar razões para a concessão de asilo. Nosso governo continuará a dar asilo, mas a quantidade de solicitações atendidas mudará.

Qual é a posição da Suécia sobre a guerra na Ucrânia?

A Suécia tem uma posição muito forte. Putin tem que ser responsabilizado pelo que ocorre na Ucrânia. Nós apoiamos fortemente a Ucrânia, tanto política quanto militarmente. A última vez que enviamos equipamentos militares a outro país foi sete décadas atrás, para a Finlândia. Então, é algo novo. Mandamos

equipamentos bélicos à Ucrânia e temos treinado militares ucranianos. Enviamos forte condenação política contra a guerra. Buscamos, por meios humanitários, apoiar a população da Ucrânia. Concordamos totalmente que a agressão de Putin contra a Ucrânia é culpa unicamente da Rússia. Foi uma invasão não provocada, ilegal e injusta. Eles haviam invadido a Crimeia em 2014. A Suécia presidiu a Organização para a Segurança e a Cooperação na Europa (OSCE), no ano passado. Queremos uma vizinhança pacífica. Gostaríamos de ter forte cooperação com a nossa vizinha Rússia, mas eles tornam isso impossível para nós.

Como vê a polêmica sobre o fechamento de escolas religiosas na Suécia?

Houve um incentivo para a criação de mais escolas baseadas em ideias, em comunidades, etc. Temos visto que algumas dessas escolas não conseguem realizações iguais entre meninos e meninas. Há meios diferentes de

abordar isso. Uma delas é a rígida estruturalização das escolas. A outra é a supervisão de suas finanças, saber de onde o dinheiro delas vem. Uma terceira abordagem é a não permissão de funcionamento de escolas religiosas. Isso tem sido debatido na Suécia. É preciso abordar o fato de as escolas não tratarem garotos e garotas igualmente. Algumas não levam as crianças a aprenderem de acordo com a grade curricular. Em escolas cristãs, ensinamos a evolução ou a criação, segundo a Bíblia? Os currículos das escolas suecas dão forte ênfase à ciência. Isso é algo que precisaremos implementar.

A ciência e a inovação tecnológica são cruciais para os suecos?

As decisões que tomamos são muito científicas. Nós nos baseamos muito na ciência. Buscamos mais tipos de cooperação científica com outros países. Um exemplo é o Escritório de Ciência e Inovação, que mantemos em nossa embaixada. A ciência, a inovação, o desenvolvimento, a pesquisa e a tecnologia caminham de mãos dadas. Em novembro, tivemos a Semana da Inovação, em Salvador. Queremos que os suecos entendam o que acontece no Brasil e a inovação que emana daqui.

Que avaliação a senhora faz das relações entre Suécia e Brasil?

A relação entre Suécia e Brasil é tão forte, que se institucionalizou e não depende de governos. A Suécia mantém parceria estratégica com o Brasil desde 2009. Naquela época, o PT governava o Brasil e tínhamos um governo conservador. Houve mudança de presidentes no Brasil, que assinou um acordo para comprar nossos caças. Tivemos alteração de governo na Suécia e vocês no Brasil, com Jair Bolsonaro. Mas a cooperação em defesa e em inovação permaneceu. Mais de 200 empresas da Suécia estão no Brasil. Isso diz muito do interesse dos suecos por seu país. Nós estamos aqui para ficar e investir.

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

OS JOVENS DO MUNDO PEDEM SOCORRO

A justiça tem vários aspectos e, seguramente, o mais importante é o princípio da liberdade para todos. Mas, para os jovens, o princípio da igual participação nas oportunidades da vida é também essencial. Qualquer governo bem organizado para administrar a democracia deve ser capaz de atender aos princípios da participação. E, sem olhar para os jovens, a democracia é uma bagunça sem futuro.

Os talentos que a natureza distribui para todos sofrem interferência da vida social e econômica. São influenciados pelo local de nascimento, a forma política de conduzir a sociedade e as fatalidades que podem atingir a

todos. A natural angústia e isolamento dos jovens não é por motivos estéticos. É real a distância, e o jovem percebe, entre o que ele espera da vida e o que de fato acontece. Equívocos, incompreensões inaceitáveis, falta de paciência, dificuldades econômicas, barreiras culturais, estão fazendo o caos em muitas famílias, sem remodelar ou reestruturar velhos conceitos e vontades.

Democracias ao redor do mundo, da Alemanha aos EUA, diante da catástrofe da pandemia, que ainda não acabou totalmente, decidiram ajudar mais um pouco os jovens, os mais esquecidos nas políticas emergenciais de enfrentamento

da crise provocada pela pandemia. A Alemanha, especialista nos programas de integração entre educação, empresas e atividades cívicas, está expandindo a porta de entrada para os jovens por meio de serviços tanto de orientação civil quanto militar. Os EUA reativaram programas que deram diversas ocupações aos mais novos durante crises econômicas passadas. Decidiram expandir as oportunidades de serviço para populações vulneráveis. O importante é que jovens estejam estudando, treinando e trabalhando.

O mundo tem hoje quase 2 bilhões de pessoas entre 15 e 29 anos, sendo mais de 50 milhões no Brasil. Em todos os países, é sobre quem recai a maior taxa de desemprego. Acrescida da baixa esperança para o jovem que estuda. Se as ações governamentais fossem capazes de combinar

programas de estudo e trabalho, o desemprego e a evasão escolar seriam combatidos ao mesmo tempo. Unindo o desejo de inovar das empresas à responsabilidade pública do Estado, por meio de programas de estágio e aprendizagem. Programas governamentais de emprego sem estudo são a gasolina na evasão escolar. E estudar sem objetivo prático, ou fazer um curso técnico para substituir o estudo, só aumenta a frustração e a desigualdade. Estudo sem trabalho é uma ilusão no horizonte do jovem. Porque saber e fazer devem andar juntos. Diploma e a carteira de trabalho, orgulho e realização do jovem e sua família.

O Estado não deve fazer o papel de agente econômico, mas precisa dar a direção em áreas importantes como agregador dos diversos e conflitantes interesses sociais. Em momentos de crise, como agora, é essencial apontar

a direção e o rumo a ser seguido.

Por várias razões, estamos vivendo ao mesmo tempo o colapso das estruturas tradicionais da economia e o surgimento de novas oportunidades de trabalho e renda. Nos próximos 20 anos, surgirão mais de 70 profissões pelo mundo, enquanto deixarão de existir mais de mil especialidades que já se tornaram ou se tornarão obsoletas. Se queremos viver com menos nostalgia e mais esperança, é preciso entusiasmar o jovem para o futuro. Criando condições para sua integração à vida familiar e comunitária, através de sua inserção ao mercado de trabalho como estudante. Uma das possibilidades virtuosas de melhoria do ambiente social e uma questão de sobrevivência da economia. E o tripé jovem feliz-escola sensível-emprego com responsabilidade

social é o horizonte do futuro.

O jovem em conflito com a lei precisa de programas de ressocialização, através do estudo e do trabalho, para a redução da violência e da reincidência criminal. Pessoas, empresas ou instituições que acolhem e dão oportunidade a um jovem desses, os sensibilizando para uma nova trajetória de vida, deveriam receber o Nobel da Paz.

O jovem estimulado é uma pessoa singular, daquelas que quando entram pela porta ampliam o horizonte do lugar. Faz melhor quem se alegra nas coisas que faz. Escutar seus sonhos, dar honra à sua imaginação, oferecer oportunidades, é o mínimo do que precisam para se livrar da angústia com o futuro. Aliás, se salva quem não se preocupa com que todos se salvem.

PAULO DELGADO, sociólogo